



A INFLUÊNCIA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NOS SABERES E FAZERES DOS QUILOMBOLAS DE MATA CAVALO

Priscilla Mona de Amorim (PPGE/UFMT) – priscillaamorim.pma@gmail.com

Regina Aparecida da Silva (PPGE/UFMT) – rasbio@gmail.com

Michèle Sato (PPGE/UFMT) – michelesato@gmail.com

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

Resumo:

Buscamos por meio desta pesquisa compreender como as mudanças climáticas afetam os saberes e fazeres dos quilombolas de Mata Cavallo. O aporte metodológico utilizado foi a Cartografia do Imaginário que proporcionou muitas formas de interpretar. Foram realizados trabalhos de campo com entrevistas semiestruturadas. Os entrevistados percebem que as mudanças climáticas têm afetado seu cotidiano e apontam que as ações humanas têm contribuído de forma grandiosa para essa catástrofe. A temática “educação ambiental” é trabalhada pontualmente na escola da comunidade, fato que dificultou a compreensão sobre os problemas socioambientais vivenciados cotidianamente. A escassez da água é uma das mais dramáticas consequências das mudanças climáticas, por isso é necessário que a educação ambiental enfatize este problema enfrentado pelos quilombolas, pois isso os fragiliza e, juntamente com o descaso do poder público, os tornam ainda mais vulneráveis às injustiças ambientais.

Palavras-chave: Mudanças climáticas. Quilombolas. Educação ambiental.

1 Introdução

Embora as mudanças climáticas sejam bem visíveis e seus efeitos sejam sentidos de forma nociva por todos os seres vivos, um ambiente saudável e em sintonia com as reais necessidades humanas ainda é possível. Viver em um ambiente conservado é um direito de todos, mas é necessário primeiramente cumprir com nossos deveres diante da natureza para que depois nossos direitos sejam alcançados e usufruídos com justiça. Nessa linha, os impactos causados pelas mudanças climáticas e ambientais atingem todos os bens naturais presentes em nosso planeta, e dos quais todos os seres vivos são totalmente dependentes. Nesse contexto, faz-se necessário compreender essas mudanças e quais são os seus impactos em diversos aspectos do cotidiano quilombola.

O projeto guarda-chuva que abarca esta investigação intitula-se “Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA)¹, coordenado pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) e que envolve 15 entidades nacionais e internacionais. O projeto parte da

¹ Disponível em: <https://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/reaja_31.html>.

premissa que as mudanças climáticas possuem profundas ligações com as intervenções humanas e que os desastres que daí possam advir acometerão os grupos sociais em situação de vulnerabilidade. Mata Cavalo, comunidade quilombola, é um destes grupos que já sofre com diversos conflitos socioambientais, além dos preconceitos e também racismo ambiental. Há uma evidente tendência de que a situação piore, já que as previsões das mudanças climáticas projetam um aumento de até 3 ou até 4 graus na temperatura do Cerrado. Prevê-se, também, escassez de água potável, perda da biodiversidade, seca e desertificação, e migrações das populações em grande escala, entre outros. O território de Mata Cavalo, que já é disputado, terá outros conflitos socioambientais dramáticas.

Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado que buscou compreender a percepção dos quilombolas de Mata Cavalo sobre a água na comunidade, considerando suas percepções em relação à oferta, qualidade, alterações no ambiente que possam estar relacionados com este elemento natural e ainda o valor imaterial atribuído à água no quilombo.

QUILOMBO MATA CAVALO

A área de estudo escolhida foi a comunidade quilombola de Mata Cavalo, que está localizada no município de Nossa Senhora do Livramento (MT), às margens da rodovia MT 060. Esta comunidade tem origem a partir dos processos de escravidão vividos pelo Brasil durante a colonização, no decorrer deste período muitos escravos fugiam da dominação existente no contexto da escravidão e ao longo destas fugas se abrigavam nos quilombos. Conforme a Fundação Cultural Palmares², quilombolas são descendentes de africanos escravizados que fugiram para áreas denominadas de quilombo em busca de melhores condições de vida e ainda hoje, mantém suas tradições culturais.

De acordo com Manfrinate (2011), inicialmente o Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT), demarcou durante dez anos as terras do quilombo de Mata Cavalo como tendo a extensão de 11 mil hectares, que seriam correspondentes às fazendas que na verdade ocupavam as terras quilombolas, entretanto, esse número foi contestado pela Associação de Mata Cavalo e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que a partir de 2007, tiveram de fazer uma nova medição nas terras alterando

² Tem a função de formalizar a existência de comunidades quilombolas, que são descendentes de escravos africanos e mantem tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo do tempo. A fundação desenvolve projetos, programas e políticas públicas de acesso à cidadania, além de assessorá-los juridicamente.

para 15 mil hectares para as demarcações e desapropriações. Segundo o Cadastro da Associação de Moradores, 415 famílias vivem atualmente no quilombo.

Por meio de leituras e relatos dos quilombolas foi possível compreender que as terras que são ocupadas hoje por esta comunidade, são fruto de uma doação de terras para alguns escravos, a qual foi realizada por uma antiga dona de sesmaria no ano de 1876. A senhora Ana Silva Tavares deixou em 1883 um testamento lavrado em cartório, que atestava parte de sua terra, a sesmaria Boa Vida aos seus escravos e ex-escravos. Partes das terras também foram compradas pelos escravos e seus descendentes no século XIX, e com o fim da escravidão em 1888, negros livres também chegaram à Mata Cavalo com o intuito de moradia e vida nova (BARROS, 2007).

Desde a chegada dos quilombolas ao quilombo de Mata Cavalo a luta para que seja obtido o título definitivo da terra é intensa e o único documento que comprovava a doação feita por Ana Silva Tavares aos escravos desapareceu misteriosamente, acontecimento que fortaleceu ainda mais os fazendeiros que disputam as terras com os quilombolas.

Além de todas essas considerações pesando contra o estabelecimento da Comunidade de Mata Cavalo, a documentação original de doação das terras do quilombo também foi extraviada do cartório em que foi lavrada, sendo um ponto a mais para a contestação dos fazendeiros (MANFRINATE, 2011, p. 55).

Nos dias atuais, a falta de água é apontada pelos moradores como o maior problema na comunidade. Tal dificuldade afeta toda a comunidade e é agravada com ações dos fazendeiros e garimpeiros que provocam desmatamentos e erosões. Os conflitos socioambientais são grandes na comunidade e são acentuados pelo embate com os fazendeiros. Desta forma:

Os povos quilombolas vêm enfrentando um processo longo de conflitos ambientais centrados essencialmente nas disputas pelos seus territórios e na luta pelo reconhecimento de seus direitos ancestrais. Os conflitos com os fazendeiros fizeram com que muitos quilombolas abandonassem suas terras, mesmo com um refluxo recente podemos perceber que muitos dos seus hábitos foram alterados pela privação do contato com o território (SILVA, 2011, p. 149).

Apesar dos inúmeros conflitos, esta comunidade tem grandes potencialidades históricas e culturais, que são preservadas pelos moradores para que seja mantida viva a identidade e memória de seus antepassados. Esta cultura se manifesta na comunidade por meio de danças, cantos, artesanatos, festas e também pela memória dos moradores mais antigos, que presenciaram grande parte das lutas. Ainda em meio a estas lutas e conflitos

procuram manter viva a identidade e cultura que os tornam um povo singular quando se trata de tradição, cultura e resistência às adversidades.

METODOLOGIA

O caminhar metodológico busca a inspiração na Cartografia do Imaginário (SATO, 2011), que pertence aos estudos fenomenológicos da imagem Bachelardiana. Para esta pesquisa, compreende-se que a apreensão do mundo nunca é na sua totalidade, por isso, não existe apenas uma verdade. O fenômeno é percebido conforme o jogo de memória, percepções, vivências, experiências e saberes. Contudo, sempre restará o mistério que nenhuma ciência será capaz de desvendá-la. Os segredos da Terra, assim, são necessidades para que ele seja do jeito que se apresenta, entre portas abertas e fechadas. São dualidades da noite e do dia, entre as entradas semicerradas e as saídas semiabertas. O sonhador constrói uma imagem do fenômeno, já que não é a totalidade, mas apenas uma impressão (BACHELARD, 2001). A compreensão deste imaginário é a fenomenologia que assume a tarefa de capturar o ser existencial efêmero. É uma cartografia na busca de imagens capturadas, como produto da alma em um processo de cosmogonia intuitiva (BACHELARD, 2002). Por meio deste “recorte imaginário” a pesquisa surge, já que não se consegue apreender o fenômeno em sua totalidade, porém em sua porção menor. Para Bachelard (1989, p. 142), “posso melhor o mundo na medida que seja hábil para miniaturizá-lo”.

Busca-se compreender, assim, a percepção dos quilombolas de Mata Cavalo sobre a água na comunidade considerando suas percepções em relação à oferta, qualidade, alterações no ambiente que possam estar relacionados com este elemento natural e ainda, o valor imaterial atribuído à água no quilombo.

A abordagem por meio da Cartografia do Imaginário que delineia os caminhos desta pesquisa apresenta os mesmos princípios da pesquisa qualitativa em que os caminhos percorridos são tão importantes quanto os resultados pretendidos. De acordo com Godoy (1995, p. 63), os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto, fato que torna todos os processos da pesquisa importantes e prazerosos.

A Cartografia do Imaginário proporciona muitas formas de interpretar e diversas descobertas. Elaborada por Michèle Sato (2011) esta metodologia propõe que a pesquisa pode revelar o que somos no espaço real (existência), mas também o que queremos ser

no espaço ilusório (devir). Esta metodologia não prende o(a) pesquisador(a) em apenas um caminho, uma única possibilidade, mas deixa-o livre para percorrer os caminhos que julgar necessário para alcançar os resultados desejados, desta forma:

[...] na cartografia do imaginário, entretanto, o que talvez importe não seja o destino final, mas a rota e a viagem realizada nos percalços de uma longa viagem. Usando a imaginação e permitindo que a intuição também seja parceira na pesquisa, talvez possamos realizar uma viagem que conta com vários meios de transportes (SATO, 2011, p. 4).

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com vinte quilombolas (estudantes, funcionários da escola, moradores da comunidade e usuários do poço comunitário do quilombo), as quais foram registradas com gravadores de voz e observação direta do cotidiano na comunidade escolar³ de Mata Cavallo.

Estas entrevistas tiveram o objetivo de conhecer a percepção dos quilombolas a respeito do tema tratado. Por se tratar de uma entrevista subjetiva, foi necessário não se apegar apenas as palavras ditas pelos entrevistados, mas a forma como diziam. Com o aporte da Cartografia do Imaginário os gestos, o silêncio e a forma de expressar dos entrevistados foram considerados para compreender a percepção que eles têm sobre a água.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos a fim de obter percepções e olhares diferenciados acerca do objetivo da pesquisa. Considerando ainda que seriam abordados os olhares sob vários ângulos do problema da água na comunidade, permitindo ao final da pesquisa um olhar mais abrangente sobre o assunto pesquisado.

Foram entrevistadas pessoas de 13 até 72 anos de idade. A diferença de idades dos entrevistados permite conhecer visões diferenciadas sobre o assunto pesquisado, enquanto as pessoas mais vividas relatam com sabedoria o que já viveram no quilombo, por meio dos jovens é possível compreender sobre o que esperar para o futuro da comunidade, não desconsiderando a contribuição e relação dos moradores mais antigos com o futuro do quilombo.

³ Entendemos por comunidade escolar os estudantes, professores, funcionários da escola, pais e moradores da comunidade que frequentam a escola.

REFLEXÕES SOBRE A CAMINHADA

Foram registradas e compreendidas aqui algumas falas dos entrevistados que mostram como percebem os efeitos das mudanças climáticas em seu cotidiano, tanto por olhares conflituosos, como por olhares de beleza e encantamento pela natureza que os cercam. Estas reflexões e percepções são acompanhadas das ideias de alguns autores que dão sustentação aos resultados, reforçando ainda as reflexões feitas pelos entrevistados.

No contexto dos princípios das escolas sustentáveis há três dimensões subdivididas, porém que estão intrinsicamente conectadas. Considerando estas dimensões os resultados serão apresentados. O saber político da educação ambiental não é fragmentado, mas por algum efeito pedagógico ou de compreensão privilegiou-se um eixo mais imediato e visível (Gestão da escola) e outros dois mais processuais e permanentes (Espaço e Currículo).

Compreende-se o Espaço como uma possibilidade física e não física de aprendizagem, onde as percepções sobre a água e natureza se fazem mais relevantes, junto com o contexto político da valoração da vida, fé, crença, participação e cidadania. Por isso os conflitos a respeito dos entrevistados são também aqui contextualizados, pois entende-se que o caos faz parte das aprendizagens significativas e não se deve temê-las, mas implicá-las na existência humana e na construção da cidadania.

Nos caminhos percorridos durante esta pesquisa compreende-se que a água é vista como um bem natural essencial à vida. Os quilombolas de Mata Cavalo exaltam a importância da água para as suas vidas ao apontarem que outras necessidades humanas como o acesso à alimentação e energia elétrica são dispensáveis, no entanto sem água é impossível viver.

Morador/a da Comunidade | *“Água é a melhor coisa, até com fome a gente passa, mas sem a água não tem condição. A fome a gente segura, mas a sede não dá”.*

Os córregos da comunidade remetem aos quilombolas valores que estão intimamente relacionados aos seus antepassados, que tinham nos córregos fontes de alimentos, lazer, bem-estar e sobrevivência. A água pode ser uma fonte de energia, como afirma Bachelard (1989, p.153), “com sua substância fresca e jovem, a água nos ajuda a nos sentir enérgicos”. Esta energia pode ser percebida nas falas dos entrevistados, pois

antigamente os poços não existiam para suprir suas necessidades e ainda hoje, embora em menor quantidade, alguns quilombolas ainda atribuem estes valores aos córregos da comunidade.

Os saberes tradicionais dos quilombolas estão presentes na maioria de suas falas. E buscou-se evidenciar aqui um saber tradicional que está diretamente relacionado com o acesso à água no quilombo, que é por meio da construção de cacimbas⁴ em seus quintais. Por meio das falas compreendemos que a construção destas cacimbas não são acompanhadas de estudos científicos ou técnicos prévios, mas sim da necessidade de acesso a água e ainda por ser um conhecimento passado entre as gerações.

Morador/a da Comunidade | *“Antigamente eu usava água do leito do rio (Mata Cavallo), tinha cabeceira, a água era boa, aí a gente fazia cacimba, fazia na beira do brejo de dois ou três metros, aí lá puxava na caçambinha com lata, aí carregava nas costas e trazia em casa”.*

Os quilombolas compreendem a relação com a água de formas contrastantes. Assimilam a melhoria com o acesso aos poços, por outro lado, percebem que a degradação dos córregos mudou os seus hábitos, sobretudo a alimentação (pesca), lazer, consumo e saúde. As percepções que indicam que está pior atribuem às mudanças ao desgaste sofrido pelo córrego Mata Cavallo e também ao aumento do número de moradores na comunidade, que conseqüentemente aumenta a demanda por água.

Embora a palavra “Gestão” possa ser relacionada com o mundo empresarial é preciso cuidado para que não se limite aos aspectos meramente tecnicistas, essa dimensão agrega os dilemas da escassez de água, as formas variadas de acesso à água e os meios de se vencer alguns problemas socioambientais.

A origem da água utilizada pelos quilombolas em suas casas já não é mais a mesma de seus antepassados, os quais tinham os córregos da comunidade como fonte de água. Ainda hoje alguns quilombolas fazem uso da água dos córregos, mas não com a mesma frequência de antigamente, pois naquele período era a única opção para os que possuíam poucos recursos financeiros.

Compreende-se que a construção de poços na comunidade transforma os costumes e a identidade de um povo que sempre dependeu dos córregos para ter acesso à água. Não se pretende aqui defender que eles retornem a sua condição anterior, acredita-se que eles

⁴ São buracos cavados na superfície do solo para ter acesso a água, são feitos normalmente em locais com lençóis freáticos aflorados.

não devem estar amarrados a apenas uma técnica. A escolha pelo modo de vida não deve ser imposta, mas o seu autoconhecimento e reconhecimento deverem ser suficientes para que eles possam escolher a melhor forma de suprir suas necessidades.

Diferencia-se, aqui, o “Currículo” da escola e o currículo da comunidade por uma simples opção pedagógica, sem estabelecer hierarquia ou supremacia entre estes dois currículos. Ao se evidenciar o currículo da comunidade parte-se do conceito de Freire (1992) que retrata o “saber de experiência feito” que são construídos a partir do saber da experiência sociocultural transferida de gerações a gerações. E busca-se seguir os princípios das escolas sustentáveis dando ênfase à escola e ao seu espaço formal de aprendizagem. Trata-se sobre a dimensão disciplinar, conceitos e formalidades pedagógicas da Escola Quilombola Tereza Conceição Arruda.

Neste sentido fez-se importante compreender como a educação ambiental e a temática água são trabalhadas no contexto escolar para entender qual a formação que estes estudantes estão recebendo em relação a estes temas que são importantes e constantes na realidade da comunidade. Desta forma, foi perguntado aos estudantes se estes temas são abordados em sala de aula e como são abordados.

Estudante

“[...] Eles falam de várias formas, a gente estuda nas aulas de biologia, de geografia e história. Eu vejo que a água deveria ser melhor tratado no espaço físico da escola, por que quando as caixas de água estão enchendo e começam a derramar todos veem mas ninguém desliga”.

Os estudantes afirmam que os temas são trabalhados na escola, mas acreditam maior atenção deveria ser dada a estes assuntos. Os professores trabalham apenas questões pontuais como queimadas, desmatamentos, poluição e desperdícios de água. Um dos estudantes cita exemplos de desperdícios dentro da própria escola, como quando a água derrama das caixas já cheias e são poucas as pessoas que se importam em desligar.

Por meio das entrevistas e consultas ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola compreende-se que a escola não aborda estes assuntos em sala de aula e quando abordados é de forma superficial e indireta. Conforme relatos de professores e estudantes foi possível entender que a história da comunidade, assim como estes temas não estão

inseridos no PPP da escola, desta forma não são obrigados a serem abordados pelos professores.

Assim como para os estudantes, perguntou-se aos funcionários da escola como a educação ambiental e a temática água são trabalhados na escola. Eles responderam que:

Funcionário/a
da Escola

“Não é muito falado. Eu como sou professora tenho que abordar estes assuntos, mas não está inserido no PPP da escola. Eu acho que é uma parte que tem que melhorar e que muitos alunos não tem noção. [...] É abordada de forma indireta, por exemplo, na época das queimadas eles reclamam que está calor aí eu tento introduzir o assunto na aula”.

O que esperar do futuro da comunidade se os jovens não estão cientes de suas histórias, de suas lutas e dos conflitos que os cercam? O conhecimento é essencial na luta pelo território. Como afirma Santos (2005, p. 300), o conhecimento exprime-se territorialmente e o território é a expressão material da rede de relações que constrói o conhecimento, incluindo o idioma e outras manifestações da cultura. Os direitos intelectuais são entendidos, então, como um prolongamento dos direitos territoriais.

Entender os processos que resultam nas diferenças sociais é importante para combater estas diferenças. O conhecimento é a melhor maneira de se opor ao sistema e lutar pelos seus direitos e de sua comunidade. A escola não pode se negar a exercer seu papel de conceber uma compreensão crítica da realidade com práticas libertadoras e emancipatórias contribuindo na formação crítica e política dos discentes (FREIRE, 1987).

O que esperar do futuro quando o presente não está sendo tratado como deveria? Harvey (2009, p. 286) afirma que “tal como muitas outras espécies, somos perfeitamente capazes de destruir nosso próprio ninho ou dilapidar nossos próprios recursos básicos de forma a ameaçar gravemente nossas próprias condições de sobrevivência.” A humanidade está totalmente propensa a isso se atitudes não forem tomadas desde o início da sua formação, pois a natureza já fragilizada vem mostrando seus limites cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A realização desta pesquisa permitiu compreender um problema grave de uma comunidade que enfrenta outros inúmeros desafios. Com o objetivo de compreender como as mudanças climáticas afetam os saberes e fazeres dos quilombolas de Mata

Cavalo esta pesquisa mostrou muito mais do que se buscava ver, ouvir, sentir, saber ou pesquisar.

Os quilombolas de Mata Cavalo percebem que a origem da água que utilizam em suas casas mudou, que os córregos de onde retiravam água para sobreviver já não são mais os mesmos, impossibilitando seu uso como antigamente. Os córregos não são mais os mesmos por que o desmatamento, a poluição, o garimpo, as queimadas e outras intervenções humanas, os destruíram.

A natureza, o ambiente natural e o clima também não são mais os mesmos, tudo está muito diferente. Os animais, as árvores e os córregos estão desaparecendo, o clima está mais quente e as chuvas não caem nos períodos certos. Estas mudanças são atribuídas às ações humanas diante da natureza, e eles os quilombolas, também se veem como parte destas pessoas que não tratam a natureza como ela merece.

Os conflitos na comunidade mais comuns envolvem o poço artesiano da comunidade, este que está conseguindo abastecer a comunidade há quase trinta anos, apenas os poucos moradores que têm seus próprios poços em seus quintais não utilizam a água do poço da comunidade.

A solução apontada unanimemente pelos quilombolas para o problema com a falta de água é a construção de mais poços artesanais na comunidade. Esta solução é desanimadora quando percebe-se que a construção dos poços é mais importante para eles do que a conservação e recuperação dos córregos dos quais retiravam água antigamente, embora a urgência em ter acesso à água faça com que os poços seja a solução mais rápida e próxima da realidade em que vivem.

Ao apontarem que precisam de mais poços na comunidade eles se esquecem de que há outras formas de ter acesso à água no quilombo, como a construção de cisternas para reaproveitamento de água da chuva e, principalmente, de recuperar o ambiente natural em que estão inseridos, embora o acesso aos córregos pelos quilombolas seja limitado pelo fato da maioria estar localizado nas propriedades dos fazendeiros da região.

A qualidade e a quantidade de água mudaram com o decorrer do tempo, e para a maioria dos quilombolas, mudou para melhor. Para eles não existe diferença na qualidade da água que tiram dos poços e a água que buscavam nos córregos antigamente. A quantidade e o acesso à água melhoraram em virtude da construção dos poços, para eles é mais fácil utilizar algum meio de transporte ou mesmo com a lata d'água na cabeça, irem até os poços para pegar água do que ter que percorrer longas distâncias dentro da mata até os córregos.

As mudanças são necessárias tanto dos quilombolas e fazendeiros da região com suas atitudes em relação aos bens naturais, quanto do Poder Público que deveria atender as necessidades básicas deste povo vulnerável. É necessário repensar a construção de vários poços na comunidade e avaliar se a natureza suportaria toda esta demanda. É difícil apontar uma solução para este problema, mas compreende-se que conservar os bens naturais é o começo para qualquer solução.

A globalização tem o poder de transformar o mundo em questão de minutos e infelizmente ninguém está isento deste movimento que transforma culturas, saberes, costumes e um povo. O tradicional está dando lugar ao tecnicismo. Os quilombolas que buscavam água com a lata d'água na cabeça, ou os poucos que ainda fazem isso, preferem uma bomba d'água que leve até eles de forma mais confortável e rápida a água que precisam. As novas tecnologias têm a vantagem de facilitar a vida das pessoas em muitos aspectos, mas é necessário ter discernimento para optar pelo que auxilia de forma completa e, especialmente, respeitando as culturas e a natureza.

A educação ambiental proposta pelo grupo pesquisador e trabalhada ao longo dos dez anos em parceria com a comunidade quilombola de Mata Cavallo, pode ser um importante caminho para fortalecer as lutas do quilombo e os ajudar a extrapolar a visão de que mais poços ou recursos financeiros podem resolver seus problemas definitivamente. É importante compreender que assim como a construção de poços, embora seja uma forma imediata de ter acesso à água, a recuperação do ambiente natural que habitam também é uma maneira de ter acesso à água, embora não atenda às suas necessidades com a urgência necessária.

Com o aporte da Cartografia do Imaginário esta viagem foi realizada e a mesma trouxe muitas descobertas, prazeres e conhecimentos. Foi descoberta a história de um povo que em meio a grandes lutas e dificuldades procuram olhar o lado bom dos acontecimentos, sempre com sorrisos no rosto e o brilho de esperança nos olhos por acreditarem que dias melhores virão. Teve-se o prazer de conviver com pessoas fortes, as quais permitiram a entrada em suas casas e conhecer além de suas histórias, também seus sentimentos.

A viagem foi muito proveitosa e voltou-se desta com a bagagem cheia de experiências, transformações e ótimas lembranças. As vivências na comunidade permitiram ver o mundo com outros olhos e rever os conceitos de dificuldades, pois existem pessoas que são completamente alheias aos serviços que o governo tem obrigação

de oferecer ou mesmo não tem um pouco de terra para chamar de sua, enquanto os fazendeiros ao redor de sua comunidade possuem muito mais do que precisam.

Espera-se que pesquisa contribua para que os quilombolas se vejam como agentes transformadores da realidade que os cercam, e que embora as dificuldades sejam notórias em seu cotidiano, é possível e é necessário lutar por seus direitos e principalmente, por um mundo melhor e justo, em que a cor da pele e as condições financeiras não sejam determinantes para a forma de viver.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Edir Pina de. **Laudo pericial histórico-antropológico**. Justiça Federal de Mato Grosso, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57- 63, 1995.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas: poder, resistência e educação no Quilombo de Mata Cavalos**./ Rosana Manfrinate. 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Semear outras soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, Francisco José Pegado (Org.). **Educação Ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2011. p. 539-569.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. Estrelas e constelações: Aprendizizes de um grupo pesquisador. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, v. 14, n. 2, p. 139-145, 2009.

SILVA, Regina Aparecida da. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil**. 2011. 222 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.